



## RESIGNIFICAÇÃO E TRANSFORMAÇÃO DO MEIO AMBIENTE ENTRE IMIGRANTES UCRANIANOS: 1895 - 1965

Doi: 10.4025/8cih.pphuem.4036

Darlan Damasceno, UEL

### Resumo

Os processos migratórios ao Paraná, originados em sua maior parte na segunda metade do século XIX, possibilitaram um trânsito de pessoas e culturas que, como tradicionalmente se argumenta, transformariam o território deste Estado. No entanto, para além dessas narrativas, observamos no movimento migratório o trânsito de diversos modos de significar e perceber a realidade social e espacial à qual esses indivíduos estariam subitamente envolvidos no novo mundo. Dentre esses aspectos, ressaltamos o impacto que o meio ambiente teve nas mentalidades das comunidades de imigrantes ucranianos estabelecidas, majoritariamente na região Centro-Sul do Paraná a partir de 1895. Nosso objetivo neste estudo é analisar o modo como essa população percebeu, ressignificou e transformou o meio ambiente no qual foram inseridos, a partir de seus aspectos culturais, especialmente significados através de sua religiosidade. A periodização busca compreender o momento de estabelecimento destes imigrantes nas áreas de mata de araucária, até a expansão agrícola e a modernização das relações entre o homem e o campo ocorridas na região. Para tal análise, utilizamos como fontes cartas, diários e relatos produzidos pelos imigrantes na época do processo migratório, assim como, memórias publicadas posteriormente por eles e seus descendentes. Nossa metodologia parte do conceito de habitus de Pierre Bourdieu para compreender as formas de percepção e construção da realidade social e suas práticas no contexto estabelecido, aliado ao pensamento de William Cronon e Donald Worster sobre a necessidade do diálogo entre as relações dos aspectos culturais e o meio natural.

### Palavras Chave:

História Ambiental;  
Natureza; Religiosidade;  
Imigração Ucraniana.

## **Introdução**

O grupo social definido para esta análise é composto pelos imigrantes ucranianos e seus descendentes. Justifica-se esta escolha, pois, tal grupo marcou uma grande presença populacional na região, juntamente com os imigrantes poloneses, caracterizando assim uma área de povoamento onde predominou a etnia eslava. Outro aspecto fundamental para este recorte está no âmbito da religiosidade, devido às especificidades que esta exerceu na vivência dos imigrantes. Nesse sentido, temos por objetivo, identificar como a prática religiosa influenciou no modo que determinado grupo percebeu e ressignificou o meio natural. O período proposto neste estudo, perpassa os anos de 1895 a 1965, com o objetivo de analisar essa transformação pela percepção que a primeira geração de imigrantes teve frente a natureza do “novo mundo”. Para sugerirmos isso, recorreremos aos indícios desta relação entre religião e meio ambiente que se apresentaram em nossas fontes, assim como, em depoimentos de descendentes desse grupo.

Dentro da perspectiva da História Ambiental, Worster nos mostra os possíveis diálogos que esta área do conhecimento pode manter com outras disciplinas no objetivo de compreender determinados fenômenos históricos. Fazendo uma correlação entre a perspectiva abordada neste estudo a respeito da religiosidade e a defendida por Worster temos que,

Por fim, formando um terceiro nível de análise para o historiador, vem aquele tipo de interação mais intangível e exclusivamente humano, puramente mental ou intelectual, no qual percepções, valores éticos, leis, mitos e outras estruturas de significação se tornam parte do diálogo de um indivíduo ou de um grupo com a natureza. (WORSTER, 1991, p.202)

A respeito dos ucranianos, temos um grupo étnico eslavo historicamente denominados como Rutenos, oriundos da região da Galícia localizada na porção ocidental da atual Ucrânia. Tais imigrantes foram alocados em diversas colônias, situadas majoritariamente nas regiões centro-sul do Paraná e ao norte de Santa Catarina, ali fixaram suas moradias e voltaram-se ao trabalho no campo. Dentre tais colônias, destacamos a Colônia 5 situada nas proximidades de Rio Claro, onde posteriormente em 1912 se tornaria o município de Mallet. Vale ressaltar que, junto com os imigrantes, a igreja católica ucraniana de rito bizantino veio se fixar em tais colônias como uma espécie de auxílio à comunidade. Esta deu um apoio especial na manutenção das práticas culturais desta população em sua configuração social (BORUSZENKO, 1969). Ao dialogarmos com a identidade deste povo, iremos ressaltar os conflitos existentes entre os ucranianos e os poloneses, outro grupo de imigrantes fixados anteriormente nas mesmas localidades.

## **Paisagens do medo: a natureza como ameaça e fascínio**

A necessidade de atrair o camponês europeu para povoar as terras paranaenses empregou diversos tipos de ferramentas para efetivar tal atração. Uma das formas mais significativas para a realização desta manobra, foi a criação de um Brasil imaginário, que na maioria das vezes contrastava-se com a realidade social vivenciada pelo camponês ucraniano.

Parte-se do princípio de que a possibilidade de migrar a uma outra região, na maioria das vezes desconhecida, é construída a partir de fatores específicos. Andreazza expõem que um destes fatores é de ordem subjetiva, no sentido de que no imaginário europeu, as Américas exerceram um certo fascínio sobre a população seja na imagem medieval da “Cocanha” edificado no pensamento

ocidental como a terra da fartura onde a natureza proveria as pessoas com alimentos e riquezas sem a necessidade do trabalho, ou reelaborada no século XIX como o “paraíso das delícias”. (ANDREAZZA, 1996).

A partir dessa perspectiva, analisaremos alguns depoimentos que evidenciam a construção desse imaginário sobre o Brasil, especialmente os que estão relacionados com a idealização de uma natureza benéfica e paradisíaca. Nesse momento, nos interessa abordar o período de chegada e estabelecimento nas colônias entre os anos 1895 a 1897.

Coube ao governo brasileiro, mais especificamente aos agentes de imigração reforçarem este imaginário<sup>1</sup>. Os agentes circulavam nas cidades e também nos campos com o intuito de “vender” o Brasil. No caso específico da imigração ucraniana, contamos com alguns relatos sobre estas atividades como, por exemplo, o depoimento de Mehailo (Miguel) Cheutchuk. Ele se estabelece com sua família na colônia de Antônio Olinto, no período chamada de Água Amarela. Segundo ele,

Na aldeia corria o boato sobre um tal de Brasil; e que vinham esses senhores (isto é, os agentes) e escreviam para as pessoas que quisessem ir para o Brasil. As pessoas se aconselhavam umas com as outras e não sabiam o que fazer [...] Só havia pobreza, desemprego, e com o total de 4 *morgs*<sup>2</sup> da fazenda do pai, o futuro não prometia nada para nós (CHEUTCHUK, 1936 apud MORSKI, 2000, p.39).

De modo semelhante, o depoimento de Luca Morski, que se estabeleceu em Prudentópolis em 1896 demonstra essa ação,

Os agentes das companhias de navegação, incluindo Gergoletto, fizeram várias visitas e fizeram um bom trabalho para promover a migração através do mar. Eles falavam de todos os tipos de riquezas, terra livre para todos e até estradas feitas de esmeraldas. As pessoas ouviam. E ficavam atraídas e curiosas sobre essa nova terra (MORSKI, 1914 apud MORSKI, 2000, p.47).

Obviamente a atitude dos agentes seria ressaltar cada vez mais o imaginário preexistente na mentalidade do camponês europeu. Dessa forma, consolidou-se os incentivos e atrativos à uma população marcada pela servidão e com a mentalidade dirigida para um país utópico, sem senhores, onde o trabalho seria mínimo.

Antônio Hempel, membro da expedição científica liderada pelo Dr. Siemierradzki ao Brasil e à Argentina, e fora convidado pela Sociedade Comercial e Geográfica de Lviv a acompanhar a viagem e estabelecimento dos imigrantes nas primeiras fases da imigração (1891) relata o impacto que tal discurso produziu nas mentalidades dos camponeses. Antes de sua viagem, Hempel visitou uma das aldeias que estavam contaminadas com a chamada “febre brasileira”,

Ao largo de um negócio, um aldeão maltrapilho apregoava qual apóstolo: “lá crescem árvores que 10 homens não conseguem derrubar durante um dia. Sobre o toco, uma carroça pode fazer a volta. O homem não precisa suar, porque no Brasil existem máquinas que ceifam essas árvores, qual alfanjes. A máquina encosta no tronco e arranca a árvore, atira para o lado e trabalha como um alfanje em meio a cereais. Deixa uma

<sup>1</sup> Tais agentes ora atuavam em nome do governo brasileiro, ora em função de companhias de navegação que recebia uma taxa por número de pessoas que realizassem a viagem (GUÉRIOS, 2012)

<sup>2</sup> Morg era a medida da área de terra utilizada no leste europeu durante o período. 1 morg corresponde a aproximadamente 0,57 hectares.

clareira limpa no meio e os troncos dos lados. Há tanta lenha que bastará para os filhos e os netos. A casa situar-se-á em meio a terreno limpo, ao redor dele a mulher cultivará repolho, batata e todo o necessário para a alimentação, como verduras, centeio, trigo, cevada, aveia, e haverá terra destinada ao pasto das vacas.” Tais fantasias acalentava um aldeão, que soube emoldurar em formas adequadas e atraentes.” Um sacerdote, prosseguia, aguardará no porto com uma cruz os imigrantes. A recepção consistira numa benção ao povo, sob o estandarte de nossa senhora” (HEMPEL, 1892 apud MORSKI, 2000, p.18-20)

O imaginário acerca da natureza brasileira apontado por Hempel, apresenta alguns detalhes interessantes para compreendermos melhor como ocorre o processo de construção de um imaginário em uma dada configuração social. Primeiramente, o camponês ao conceber “uma árvore que 10 homens não conseguem cortar”, em conjunto com a possibilidade de máquinas realizarem o trabalho de derrubada dessa vegetação, exemplifica bem a existência de uma natureza edênica em sua mentalidade. Ou seja, acredita-se na existência de um lugar no mundo natural onde a quantidade de recursos naturais seria mais que suficiente às suas necessidades e o trabalho não importaria para desfrutarem de tal benefício.

Essa abordagem dialoga com a assertiva de Cronon (1996), caracterizando a natureza como uma profunda construção social e cultural humana. Os homens projetam no mundo natural representações que dizem respeito às suas próprias vivências, sensibilidades e subjetividades. A natureza passa a ser significada como um espelho, onde projetamos nossas próprias imagens buscando um Éden paradisíaco, no entanto, é nosso próprio reflexo que se reflete (CRONON, 1996).

Em um segundo momento do relato, podemos identificar a necessidade do camponês em reconstruir sua realidade social em novas terras. Ao exemplificar a localização da casa e a composição das culturas que seriam cultivadas ao redor, o indivíduo recria os modos de vida estruturados a gerações; vivenciados, sobretudo, nas terras de gleba e nos campos de cultivo que caracterizavam o sistema servil na Galícia. Outro detalhe importante é a sentença, “situar-se-á em meio a terreno limpo”, ou seja, embora demonstrem uma visão edênica do meio ambiente, existe a necessidade deste ser conquistado e reconstruído, projetando assim uma diferenciação entre o campo e a floresta, o habitável e o selvagem.

A dificuldade de adaptação desta população é um fator a se considerar quando se busca compreender a mentalidade deles e sua percepção sobre a nova realidade a qual estavam inseridos. Segundo o relatório apresentado pelo presidente de província à Assembleia Provincial em 1876, essa dificuldade era relatada.

O colono europeu por via de regra desanima diante de nossas matas virgens, porque para ele é completamente ignorada essa cultura extensiva, da derrubada, da queima e das sementeiras a vôo, e é por isso que internados nas colônias afastadas dos centros populosos eles fogem de entregar-se a esse trabalho improbo (RELATÓRIOS, 1876, apud GUÉRIOS, 2012, p.121).

O revés frente à floresta, resulta primeiramente do aspecto geográfico. As diferenças climáticas, de formas de cultivo e, sobretudo, relacionada à vegetação entre a Europa e a região centro-sul do Paraná, dificultam a ocupação do colono. Conforme o estudo realizado por Juliana Bublitz sobre a ocupação das terras gaúchas por imigrantes alemães, fica exposto o desconhecimento do camponês europeu nas formas de ocupação de uma mata virgem. Segundo Bublitz, o

contexto da ocupação das matas europeias no século XIX permitiu os camponeses a viverem em um meio ambiente já antropomorfizado (BUBLITZ, 2008). Não há como termos certeza se isso ocorre também na região da Galícia, de onde vieram os camponeses que ocuparam a colônia de rio Claro. No entanto, este panorama aparece em algumas fontes.

O termo paisagem, nos é importante para compreendermos como estas relações entre os imigrantes e o mundo natural passou a ser representada em seus depoimentos. Yi-Fu-Tuan apresenta uma abordagem chave para esta discussão. O conceito de “paisagens do medo”,

O que são as paisagens do medo? São as quase infinitas manifestações das forças do caos, naturais e humanas. Sendo as forças que produzem caos onipresentes, as tentativas humanas para controlá-las são também onipresentes. De certa forma, toda construção humana – mental ou material – é um componente na paisagem do medo, porque existe para controlar o caos. (TUAN, 2005, p.12)

Dentro desta abordagem polissêmica sobre o conceito, analisaremos dois relatos dos imigrantes para compreender como a relação entre a paisagem e a apropriação da natureza ocorreu.

O relato de Teodoro Potoskei, apresenta a descrição do período imigratório menos alterada, devido ao seu contexto de produção. O documento produzido é uma carta destinada ao jornal *Svoboda* de circulação norte americana destinado aos ucranianos que lá se estabeleceram. Potoskei descreve a situação da colônia de Rio Claro em setembro de 1897 após 2 anos de sua

chegada. Com relação à paisagem, ele descreve:

Quando chegamos aqui, as florestas e as colinas eram tantas que você não conseguia achar um lugar para sentar o pé. Mas nós já possuímos uma colônia inclusive uma vila<sup>3</sup> com casas de madeira em ambos os lados da estrada e nossa igreja rutena fica em uma colina bem no centro do vilarejo. Não há no Brasil outra igreja rutena que seja tão bonita quanto a nossa (POTOSKEI, 1897 apud MORSKI, 2000, p.15).

Ivan Pacevicz chega em terras paranaenses nos primeiros anos da imigração, em 1891. Se estabelece nas proximidades de Mallet na colônia de Rio Claro, seu depoimento fora publicado em 1951 no jornal *Pracia* de Prudentópolis.

A floresta era densa e escura, cheia de cobras e animais selvagens. Os animais selvagens chegavam até na frente da nossa casa, por isso passamos muito medo e preocupação, para espantá-los dali. [...] E como no sonho vejo a floresta negra, tocos queimados e picadas estreitas (PACEVICZ, 1951 apud MORSKI, 2000, p. 11)

Em ambos os depoimentos percebemos a descrição do ambiente a sua volta. Potoskei, embora não volte sua atenção totalmente ao meio ambiente, o descreve através de um processo de adjetivação. Após isso, ele apresenta a discussão exposta anteriormente sobre a “conquista” do mundo natural, já ressignificado em um *celó*, com suas casas características e uma igreja ucraniana no topo de uma colina; indícios da ressignificação da paisagem em uma paisagem étnica.

No depoimento de Pacevicz observamos o impacto que a paisagem causa na estruturação de sua memória. Ao

---

<sup>3</sup> O termo original em ucraniano utilizado por ele é *celó*, designação que remete às vilas de camponeses na Galícia

categorizar a floresta densa e escura, ele atribui um sentido e uma percepção que era estruturada através de um imaginário social. A necessidade de relatar essa experiência e, principalmente o aspecto relacionado ao sonho, nos indicam uma permanência que a floresta ocupou nas mentalidades dos primeiros imigrantes. A importância desse fator foi ressaltada por Simon Schama, “mas o sentimento de medo nutrido por muitos deles acusa algumas das surpreendentes permanências, ao longo dos séculos, de camadas e camadas de lembranças e representações ligadas à natureza” (SCHAMA, 1996, apud BUBLITZ, 2008, p. 229).

Assim como Hempel, Oleskiv acompanhou a partir de 1891 as primeiras levadas de imigrantes ucranianos tendo retornado a Lviv<sup>4</sup> e publicado suas impressões sobre as terras paranaenses intitulada *Pro vilni zemli*<sup>5</sup> em 1895 através da sociedade *Prosvita*. Em seu relato Oleskiv descreve a paisagem encontrada pelo imigrante,

Se alguém me perguntasse em uma palavra o que o Brasil significa para nossos imigrantes, essa palavra seria túmulo. [...] A maior parte do Brasil é coberta por florestas impenetráveis, através das quais você tem que cortar uma trilha a cada passo com o machado. A terra é pantanosa e lamacenta, o chão é cozido no calor eterno[...] (OLESKVI, 1895 apud MORSKI, 2000, p. 1).

Essa situação, conforme aparece nas fontes, dialoga também com a questão do imaginário e da sensibilidade de tais imigrantes. Essa questão seria o segundo fator a levarmos em consideração. O exemplo dado por Alvin é bem significativo,

O caso dos poloneses é bastante interessante, porque é no medo, pode-se dizer, quase mítico de viver

em regiões montanhosas que está o embrião da inserção do grupo no Brasil. Sempre que puderam, poloneses e russos procuraram as planícies às quais estavam habituados no país de origem e onde podiam cultivar o que lhes era familiar, como o trigo (ALVIN, 2006, p.245).

A questão que relaciona natureza e as representações permeia o imaginário cultural destes imigrantes de etnia eslava. Da mesma forma como a montanha, a floresta exerce um papel de atração e fascínio nessa população; um sentimento quase mítico que a relaciona ao desconhecido e à religiosidade pagã (HARRISON, 1993, apud BUBLITZ, 2008). Ainda segundo Bublitz, “para a Igreja, as florestas representavam o lado obscuro do mundo ordenado, e os seus padres trataram de popularizar tal posicionamento” (BUBLITZ, 2008, p. 330).

Essa situação frente o medo e o fascínio da floresta permeiam, inclusive, o clero da igreja ucraniana. Em um relato do padre Kizema, estabelecido em Prudentópolis, vemos este exemplo.

Eles desdenham de si próprios, as garotas e as mulheres estão na perdição nessas florestas, como pagãs; entre os brasileiros sem Deus, eles próprios perderam sua devoção e sua moral [...] Agora trabalham com a serra e o machado, que destroem a grandiosa floresta para o estabelecimento. As pessoas vagueiam como cadáveres, de miséria e de fome. Quatro cemitérios já estão cheios. Nas florestas, estão enterrados mais incontáveis corpos (KIZEMA, 1897, apud GUÉRIOS, 2012 p.140).

Kizema, relaciona dois aspectos interessantes: a comparação entre floresta e selvageria, assim como, o imaginário da floresta com a tradição pagã, tomando

<sup>4</sup> Capital da região da Galícia

<sup>5</sup> Sobre as terras livres

assim a noção da natureza atuando como a fronteira. Essa forma de categorizar esses elementos, nos indica a existência de um campo de representações que aos poucos passa a ser ressignificado e incorporado à prática religiosa da comunidade. A expressão “grandiosa floresta” também nos indica o espanto e o fascínio frente a algo que escapa à sua percepção da realidade.

### A religiosidade como esquema de percepção do mundo natural

Conforme apresentamos anteriormente, os relatos acerca do estabelecimento dos ucranianos apresentam um padrão de estruturação no que tange às referências ao mundo natural encontrado nas colônias do Paraná. A natureza que fora idealizada no início, apresenta agora, o inverso do mundo ordenado na figura do *celó* como demonstrado por Potoskei. Ou seja, os imigrantes buscariam ressignificar o novo ambiente a qual estavam inseridos mediante os esquemas de percepção compartilhados em comum entre eles. Isso faria com que eles reconstruíssem seu mundo com base na realidade social com a qual estavam acostumados na Galícia.

Pierre Bourdieu caracteriza os esquemas de percepção enquanto componentes do habitus,

Bourdieu propõe chamar de habitus um sistema de gostos ou de disposições adquiridas comum a um conjunto de agentes, que dão uma mesma significação ao conjunto de suas práticas; um “esquema de percepção” é um módulo lógico do habitus que substitui, no pensamento de um indivíduo, objetos “neutros” – ou seja, que poderiam ser apropriados de uma forma qualquer –, por objetos “socializados” – ou seja, objetos percebidos de formas similares, de

acordo com sua inscrição no mundo social (GUÉRIOS, 2012, p. 66).

Um aspecto fundamental desses esquemas de percepção seria a religiosidade das pessoas inseridas nessa configuração social. O relato de Pacevicz demonstra esse argumento através da ausência do grupo social que partilhasse dos mesmos referências simbólicos do habitus. Como ele se estabelece nas proximidades de Mallet antes da maior intensidade do movimento migratório (1895), ele relata tal ausência,

No começo nos sentíamos muito estranhos, porque ficamos por 3 anos em ambiente puramente polonês. [...] Igreja, no começo nós não tínhamos nenhuma. O Natal e a Páscoa nós comemorávamos em casa. Meu pai benzia a ‘paska’<sup>6</sup> com água benta e nós todos juntos rezávamos o Pai-Nosso “Otche Násch”<sup>7</sup>, e isso era toda a nossa cerimônia de comemoração. Só em 1897, com a vinda do Padre Rosdolskyi, na Colônia 5 foi construída a primeira Igreja. Duas ou três vezes ao ano nós íamos a pé pelas picadas até à Igreja na Colônia 5. Geralmente caminhávamos dois dias. No ano de 1899 começamos a construir a Igreja na Serra do Tigre (PACEVICZ, apud MORSKI, 2000, p. 12).

Outro elemento comum em alguns relatos destes primeiros imigrantes é a correlação entre o medo e a insegurança relacionados ou à floresta ou aos vales, e a religiosidade. Na forma que estruturam suas narrativas, ao descreverem uma situação que os assustara ou surpreenderá de alguma forma, seguidamente descrevem ou fazem referência a um aspecto de sua religiosidade. No relato de Pacevicz, ele nos apresenta o medo da floresta escura e dos animais selvagens, assim como, a

<sup>6</sup> Espécie de pão feito na época da Páscoa para ser benzido junto com outros alimentos.

<sup>7</sup> Oração do Pai Nosso.

estranheza de ficar em um ambiente polonês. Logo em seguida descreve como ele e sua família mantinham os referenciais simbólico de sua religiosidade, ressignificando assim a realidade em que estava inserido.

Esse fenômeno está exposto também no relato de Paulo Krauczuk que veio para o Brasil aos 13 anos de idade. Seu relato foi publicado em 1932 no jornal *Pracia*.

Antes mesmo que pudéssemos descarregar as bagagens da carroça, uma cobra entrou em nossa tenda quase matando minha mãe de susto. O pai pegou gravetos e fez um fogo para cozinarmos alguma comida. Nós estávamos sozinhos. Assim passamos a primeira moita na nossa nova casa, só havia a floresta para ouvir nossos lamentos. No céu, acima, o cruzeiro do Sul nos lembrava que Deus estava cuidando de nós (KRAUCZUK, 1932 apud MORSE, 2000, p. vii).

Esse imperativo moral frente a natureza que causou a preocupação com os fiéis ucranianos como relatou padre Kizema anteriormente: “Eles desdenham de si próprios, as garotas e as mulheres estão na perdição nessas florestas, como pagãs; entre os brasileiros sem Deus, eles próprios perderam sua devoção e sua moral” (KIZEMA, 1897). Mas tal preocupação não atingiu somente ao clero. Ao enviar uma carta ao Metropolita<sup>8</sup> Sembratovich, solicitando o envio de padres para a colônia, Muzeka, colono estabelecido em Prudentópolis escreve:

E o que seria mais adiante, se nós não tivéssemos nosso sacerdote? Então nosso povo esqueceria de Deus, da santa Igreja, de nosso rito oriental e de nossa singularidade como povo [...] O povo estava espalhado pelas florestas, distante,

não tendo estradas, pontes, organização, nenhuma reunião dizendo em uma palavra, eram ovelhas na floresta sem um pastor. (MUZEKA, 1936 apud GUÉRIOS, 2012, p. 134)

Desse modo, Muzeka demonstra duas preocupações com a situação dos colonos. De maneira semelhante ao relato de padre Kizema, a floresta permanece no imaginário de ambos como o local da selvageria e também de provação. Outro aspecto apresentado é o fato da apreensão em perder seus “esquemas de percepção”, ou seja, o *habitus* que os caracterizava como grupo. Nesse contexto, há também a necessidade de demarcação de suas fronteiras étnicas que constantemente estavam ameaçadas, “Os rutenos serviram-se da religião na fixação de suas fronteiras, sobretudo porque instituição religiosa, tradição étnica e idioma se confundem no emaranhado de seus significados culturais” (ANDREAZZA, 1996, p. 86).

### Considerações finais

Procuramos durante este artigo, demonstrar assim como Schama que a natureza não é algo anterior à cultura, nem está isolada desta. Toda a paisagem resulta de uma interação muito particular entre as representações e a memória dos indivíduos que atuam junto a este meio natural. (SCHAMA, 2009). Desse modo, buscamos expor a importância que a religiosidade teve não só como um componente étnico, mas como um campo de representações que atuou no processo de reconstrução de uma realidade social vivenciada pelos imigrantes ucranianos na Europa e, transposta através do Atlântico para as terras paranaenses.

A religiosidade deste grupo social atuou pois, como um componente da memória para a significação da natureza figurado especificamente como esquemas

---

<sup>8</sup> Líder religioso da Igreja Greco Católica Ucraniana



de percepção frente ao meio ambiente. Com o passar dos anos, houve a fixação do campo religioso ucraniano em diversas colônias. A partir desse momento, outras práticas surgem como um demarcador proeminente no processo de resignificação da natureza.

## Referências

- ALVIN, Zuleika. Imigrantes: a vida privada dos pobres do campo. In: NOVAIS, Fernando A. (coord). **História da vida privada no Brasil - Império: a corte e a modernidade nacional**. São Paulo: Cia das Letras, 2006, p. 215-287.
- ANDREAZZA, Maria Luiza. **O paraíso das delícias: estudo de um grupo imigrante ucraniano 1895-1995**. 1996. 412f. Tese (Doutorado em História) – Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 1996.
- BORUSZENKO, Oksana. **A imigração ucraniana no Paraná**. Anais do IV Simpósio Nacional dos Professores de História - ANPUH. Colonização e Imigração, São Paulo: 1969.
- BOURDIEU, Pierre. **Os usos sociais da ciência: por uma sociologia clínica do campo científico**. São Paulo: Edunesp, 2004.
- \_\_\_\_\_. **O senso prático**. Petrópolis: Vozes, 2013.
- BUBLITZ, Juliana. Forasteiros na floresta subtropical: notas para uma história ambiental da colonização alemã no Rio Grande do Sul. **História e Sociedade**. Campinas, v.11, n.2, p. 323-340, 2008.
- CRONON, William. Modes of Production: placing nature in History. **The journal of American History**. v. 76, n. 4, p. 1122-1131.
- \_\_\_\_\_. **Uncommon Ground: rethinking the human place in nature**. New York: Norton, 1996.
- GUÉRIOS, Paulo Renato. **A imigração ucraniana ao Paraná: memória, identidade e religião**. Curitiba: Editora UFPR, 2012.
- MORSKI, J. P. **Under the southern cross: a collection of accounts and reminiscences about the ukrainian immigration in Brazil, 1891-1914**. Winnipeg: Watson & Dwyer Publishing, 2000.
- SCHAMA, Simon. **Paisagem e Memória**. São Paulo: Cia das Letras, 2009.
- TUAN, Yi-Fu. **Paisagens do medo**. São Paulo: Ed. Unesp, 2005.
- WORSTER, Donald. Para fazer história ambiental. **Estudo Históricos**. Rio de Janeiro, v.4, n. 8, p. 198-215, 1991.